

o opus dei
e as
mulheres

ORGANIZAÇÃO
Viviane Lovatti Ferreira

o opus Dei e as mulheres

Betty Silberstein
Clara Assis
Letícia Meireles
Maria Nazareth Rezende
Marília Gouvêa
Rosidalva Julião
Sonia Maria de Menezes



Copyright © 2006 Viviane Lovatti Ferreira (org.)

Supervisão editorial **Marcelo Duarte**
Assistente editorial **Tatiana Fulas**
Projeto gráfico **Luciana Porto Alegre Steckel**
Diagramação **Kiki Milan**
Preparação **Andréa Medeiros**
Revisão **Alessandra Miranda de Sá**
Cristiane Goulart
Telma Baeza G. Dias

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O Opus Dei e as mulheres / Viviane Lovatti Ferreira (org.).
1ª ed. – São Paulo : Panda Books, 2006.

1. Opus Dei (Sociedade). 2. Mulheres – Vida religiosa.
I. Ferreira, Viviane Lovatti.

06-1756

CDD 267.182

CDU 267:282

2006

Todos os direitos reservados à
Panda Books
Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br

Depois de ressuscitar na madrugada do primeiro dia, após o sábado, Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena, de quem havia expulsado sete demônios.

(Evangelho de São Marcos 16, 9)

Se quereis entregar-vos a Deus no mundo, mais do que sábios (quanto a elas, não é preciso serem sábias; basta que sejam sensatas) tendes que ser espirituais, muito unidos ao Senhor pela oração; deveis trazer um manto invisível que cubra todos e cada um dos vossos sentidos e potências – orar, orar e orar; expiar, expiar e expiar.

(Josemaría Escrivá, Caminho, ponto 946)

sumário

Apresentação.....	9
1. conhecendo a obra de Deus.....	15
2. homossexualidade.....	43
3. saúde da mulher.....	75
4. preconceito.....	89
5. autoritarismo e abuso de poder.....	110
6. celibato e casamento.....	150
7. filhos e captação de vocações.....	173

Apresentação

O Opus Dei é uma instituição da Igreja Católica, fundada em 1928 pelo sacerdote espanhol Josemaría Escrivá. Essa instituição nasceu com um caráter eminentemente masculino. Inicialmente, Escrivá pensou em trabalhar com jovens (apenas rapazes), que se dedicassem integralmente a Deus e abraçassem o celibato. Ele achava que nunca haveria mulheres – nem brincando – no Opus Dei. Mas em 1930 decidiu que elas eram necessárias para determinadas tarefas. Tanto na seção masculina quanto na feminina – completamente separadas, como se fossem duas instituições diferentes – há numerários (membros celibatários que moram nos Centros do Opus Dei) e adscritos (celibatários que não residem nos Centros). Já entre as mulheres, há uma classe de membros celibatários a mais – as numerárias auxiliares –, que moram nos Centros e se dedicam integralmente ao trabalho doméstico de ambas as seções. Todos esses membros renunciam a todos os bens materiais em nome do Opus Dei (e os entregam totalmente), inclusive seus salários, ao assinar um testamento em que deixam todas as suas posses para o Opus Dei, em caso de falecimento.

A estrutura do Opus Dei é constituída de Centros, casas grandes e suntuosas onde residem os numerários e onde se dá todo o trabalho de captação de novos membros, por meio de atividades atrativas, principalmente estudantes. O objetivo principal do Opus Dei é o proselitismo, ou seja, fazer com que uma pessoa escolhida por suas qualidades, dentro de critérios muito bem especificados, *apite* – termo interno que significa

pedir admissão para a Obra. O termo *apitar*, utilizado pelo fundador, era utilizado para ilustrar o que ocorre com a chaleira, que apita quando a água está fervendo. Coisa semelhante deve ocorrer com a pessoa que deseja ingressar na Obra. E isso pode ser feito a partir dos catorze anos e meio.

O interesse fundamental do Opus Dei é obter membros jovens e, para isso, em quase todos os Centros, há clubinhos freqüentados por crianças com até treze anos de idade. Lá elas já vão sendo preparadas e selecionadas para se tornarem membros celibatários.

Os jovens freqüentadores dos Centros – antes de apitar – recebem a denominação *rapazes de São Rafael*. No caso das mulheres, são as *moças* ou *meninas de São Rafael*. Alguns dentre esses grupos nunca apitarão, devido a alguma característica que os impede de serem admitidos como membros celibatários. Quando ficam mais velhos, esses jovens passam a freqüentar os Centros de São Gabriel, que abrigam os numerários mais velhos. Quem freqüenta um Centro desses chama-se *cooperador*. Tanto rapazes de São Rafael quanto cooperadores não são membros do Opus Dei, embora possam ser considerados do Opus Dei porque freqüentam os meios de formação.

Até 1950, não eram admitidos membros casados. Conforme a Obra foi se expandindo, o fundador achou interessante incluir tais pessoas no Opus Dei, apesar de não terem poder algum e de terem menos disponibilidade para se dedicar à Obra. Esses membros são os *supernumerários* e, obviamente, não moram nos Centros. Tanto os supernumerários como os cooperadores contribuem financeiramente com o Opus Dei e levam seus filhos aos clubinhos.

É comum que os supernumerários tenham uma visão superficial do que é o Opus Dei. Os cooperadores, então, conhecem menos ainda o que se passa em seu interior. Paradoxalmente, são os cooperadores os mais ferrenhos defensores do Opus Dei, em público.

Essa diversidade de membros no Opus Dei também reflete a diversidade de meios de formação. Há os de formação coletivos e os individuais. Nos meios de formação coletivos, cada tipo de membro vai ao que lhe é indicado: retiros espirituais, convívios, círculos, recolhimento e meditação pregada. Entre os meios individuais, estão a conversa com os diretores e a direção espiritual com os sacerdotes.

Os sacerdotes, que atendem os membros no Opus Dei, são membros numerários ordenados pela Obra em Roma e moram nos Centros.

O Opus Dei consiste em uma estrutura à parte da Igreja Católica, já que apenas alguns de seus frequentadores têm também alguma participação em atividades da diocese. As atividades dos membros do Opus Dei e das demais pessoas são todas realizadas nos Centros e nas Casas de Retiro.

Apesar de o Opus Dei se dirigir aos leigos – católicos não-religiosos – ao pregar a santidade de todos, enquanto exercem as suas atividades cotidianas e o trabalho profissional no meio do mundo, essa mensagem acaba sendo traduzida, na prática, como um incentivo para que os leigos participem dos seus meios de formação. Os membros celibatários, inclusive, utilizam mortificações corporais que não fazem parte do cotidiano dos católicos comuns, como o uso de *cilícios* e *disciplinas*. O cilício consiste em uma malha de metal com pontas amarrado em torno da coxa com o fim de

provocar dor. É utilizado, durante duas horas, todos os dias. As disciplinas consistem em um chicotinho de corda com o qual se bate nas nádegas uma vez por semana.

Em 1974, um ano antes de sua morte, o fundador Josemaría Escrivá esteve no Brasil. Em 1982, o papa João Paulo II reconheceu o Opus Dei como uma prelazia pessoal, figura jurídica, desejada pelo fundador, que dá autonomia para as atividades da Obra em relação às dioceses locais. O Opus Dei é a única prelazia pessoal da Igreja Católica. Dezesete anos após a sua morte, o fundador foi beatificado e, dez anos depois, canonizado.

Para se entender melhor o Opus Dei, é preciso ir além das análises estruturais e conhecer as pessoas que vivem a realidade concreta. Com esse objetivo, procurei recolher depoimentos das mulheres que têm ou tiveram relação com o Opus Dei. Mas a elaboração deste livro não foi uma tarefa fácil. Sete mulheres muito diferentes, mas com algo em comum: sua relação com o Opus Dei, a instituição católica mais radical e controvertida do mundo. Opus Dei em latim significa “Obra de Deus”. O termo latino é neutro, mas a cultura do Opus Dei leva todos os membros a chamá-lo o Opus Dei.

Como o fenômeno do Opus Dei é muito complexo, decidi, neste livro, entendê-lo, nos vários aspectos relevantes, com base em uma multiplicidade de olhares, todos femininos. Homossexualidade, preconceito, saúde da mulher, abuso de poder, celibato, casamento e filhos foram os temas escolhidos nos relatos dessas mulheres cujas experiências de vida induzem nossa forma de olhar.

Betty Silberstein, 52 anos, tradutora, escritora e revisora, é mãe de um jovem celibatário da sessão masculina

chamado de numerário. Betty espera ansiosamente que seu filho saia da Obra, já que se recusa a perdê-lo para a seita, na qual é considerada mera “mãe biológica” – condição que o Opus Dei quer lhe impingir. Por isso, ela já escreveu um livro sobre o Opus Dei, na esperança de desvelar tudo o que há por trás dessa instituição, e nele traz grandes contribuições ao debate, por meio de sua experiência como mãe.

Clara Assis é uma jovem de 24 anos, advogada e professora. Quando se envolveu com o Opus Dei, era apenas uma estudante de 16 anos de idade. Ficou encantada com a filosofia de se tornar santa no meio do mundo, proposta da Obra que a impulsionou a conhecer cada vez mais o “sonho” de Josemaría Escrivá. Clara frequentou os meios de formação do Opus Dei como moça de São Rafael, mas não chegou a entrar, por resistir ao assédio da Obra.

Letícia Meireles, 35 anos, é uma profissional da área de comunicação, casada com um rapaz que tinha sido numerário por muitos anos. Hoje, Letícia tem três filhos e o seu depoimento consiste em revelar a sua experiência de esposa de um ex-membro do Opus Dei.

Maria Nazareth Rezende, 55 anos, é aposentada e foi adscrita no Opus Dei no início dos anos 1970. Ela nos conta sua experiência como membro da instituição e revela a dominação pela qual passou, apesar de não morar nos Centros do Opus Dei.

Marília Gouvêa tem 37 anos e é psicóloga. Ela tem um irmão que frequenta os meios de formação do Opus Dei há mais de vinte anos, e a família dele foi constituída segundo as orientações recebidas da Obra.

Rosidalva Julião tem 30 anos e foi numerária auxiliar. Ela vem nos contar sobre a vida de trabalho que o Opus Dei

lhe impôs durante os seis anos em que esteve lá. Natural de Salvador (BA), veio para São Paulo em busca de trabalho e foi rapidamente capturada pela Obra.

Sonia Maria de Menezes, 50 anos, advogada, foi numerária do Opus Dei por quatro anos, durante sua adolescência, no início dos anos 1970. Apesar da distância temporal, os relatos de Sonia são muito ricos em detalhes, pois sua memória foi preservada pelos inúmeros escritos elaborados ao longo dos anos e a partir de 1976.

Creio que essas mulheres simplesmente têm todo o direito de se manifestar de modo livre sobre o que viveram em relação à Obra. Embora o Opus Dei insista em se dizer uma instituição perfeita, divina, sem possibilidade de mácula, não temos que acreditar nessa imagem, construída à base de muito silêncio e repressão às opiniões contrárias. Acho que a liberdade de expressão só pode fazer bem, e esse direito tem de ser respeitado por qualquer instituição que pretenda ter alguma relação de filiação com o Cristianismo.

Todas essas mulheres têm fatos para contar que o Opus Dei esconde e gostaria de que ninguém jamais soubesse. Para mim, é uma grande satisfação poder possibilitar a essas fantásticas mulheres a oportunidade de falar e contar suas histórias de resistência e luta contra o Opus Dei.

Viviane Lovatti Ferreira

I

conhecendo a obra de deus

Quando todas já estavam sentadas em poltronas e sofás da minha sala de estar, não houve como segurar o riso, pois, segundo comentou Clara, esse tipo de reunião feminina é típico do Opus Dei e se chama *tertúlia*. A palavra *tertúlia* é espanhola e significa uma conversa informal coletiva, como numa roda de amigos. Na Obra, é costume entre os membros de um Centro se reunirem após uma refeição (especialmente, após o jantar) e conversar. Uma *tertúlia* pode durar de vinte minutos a uma hora. Pela quantidade de relatos que as mulheres presentes têm para fazer, creio que serão necessárias sete *tertúlias*, por serem sete os capítulos em que este livro está organizado.

As *tertúlias* são o núcleo da chamada *vida de família* da Obra, porque dão aos que chegam uma impressão acolhedora no ambiente dos Centros.

Bem, quem quiser pode começar a falar – propus. Qual é a impressão de quem chega a um Centro do Opus Dei?

CLARA: Meu primeiro encontro na Obra foi bem “legal”. Era hora da *tertúlia* e as meninas todas se voltaram para mim. Senti que repararam bem na minha calça jeans e na camiseta roxa (até da cor me lembro), antes de fazerem milhões de perguntas sobre a minha vida. Parecia um interrogatório!

ROSIDALVA: Pois é, quando se conhece um Centro do Opus Dei, fica-se com uma ótima impressão. Todas as moças são muito simpáticas, e eu me encantei com a alegria daquele ambiente. Tudo era fascinante, todas as pessoas eram cordiais e muito amáveis. Quem é que não gosta de ser bem tratada? Confesso que me sentia um pouquinho sem graça com o fato de parecer ter todos os olhos voltados para mim... Mas, como sempre fui muito desinibida, acabei não dando importância para isso e logo fiquei à vontade.

NAZARETH: Eu também fiquei encantada quando conheci as pessoas da Obra. A sala de visitas era maravilhosa. O Centro era alegre, festivo, cheio de atividades a que eu, naquele momento, não teria acesso de outra forma.

SONIA: Quando conheci o Opus Dei, em 1971, adorei o ambiente. Foi assim: um dia, fora do colégio, Yone, uma amiga de escola, se aproximou de mim e iniciamos um diálogo. Ela perguntou o meu nome e me disse que havia gostado de alguns dos meus desenhos. Eu gostava de desenhar. Ela me convidou para participar de uma exposição, e rabiscou em um pedaço de papel o seguinte endereço: Rua dos Bombeiros, 71 – travessa da Brigadeiro Luis Antônio, próximo ao Quartel do Exército. E, em seguida, disse: *Vê se aparece por lá!*. Era absolutamente incrível que Yone me fizesse um convite daqueles e, mais incrível ainda, que conhecesse meus desenhos. Eu mal podia me conter de alegria, mas, na frente dela, me esforcei ao máximo para segurar a emoção.

Resolvi ir até o local. Chegando lá, fiquei muito surpresa. Era uma casa linda e maravilhosa, com aplicações de pedras

na parte frontal, um jardim muito bem cuidado, e duas ou três árvores imensas que lhe emprestavam um aspecto de casa de campo. A casa era composta de dois andares e telhados que me pareceram denunciar um estilo suíço ou algo assim. Não havia muros cerrados na frente, mas uma grade alta.

Como você foi recebida no Centro, Sonia?

SONIA: Quando cheguei ao Centro, fui recebida por uma moça na faixa dos vinte anos, muito bonita e simpática, que se apresentou como Tícia. Ao saber que eu era convidada de Yone, levou-me até os fundos da casa pela parte lateral, através da entrada de carro. Chegando lá, verifiquei que havia outra casa, térrea, mas talvez tão grande quanto aquela da frente. Quando Tícia me fez entrar, pude observar que havia muitas salas de estudo, um pequeno escritório, uma grande sala de espera e um pátio. Parecia uma escola particular. Ela me deixou ali, sozinha, dizendo que Yone logo chegaria, pois ainda era “muito cedo”. Depois, voltou para a casa da frente.

Aguardei talvez uns trinta minutos ou mais, o que me pareceu uma eternidade. Estava ansiosa e sentia meu coração pulsar na garganta e na fronte. Em que diabos eu havia me metido? – pensei.

Yone me recebeu e me levou até uma sala onde estava sendo organizada uma exposição de pinturas e desenhos, tudo muito simples, mas bonito. Pedi, então, que eu a ajudasse com os trabalhos. Depois da arrumação, ela me levou até a casa da frente, onde fizemos um lanche, servidas em uma mesa farta como eu só tinha visto antes nos filmes da tevê.

Durante todo tempo em que estive com Yone, falei da minha vida. Ela me fez contar quase tudo. Tinha um modo especial, quase “mágico” de estimular uma conversa e conduzir o assunto para onde lhe interessava, fazendo com que eu, como novata, me sentisse importante, mas sem perceber qualquer “manipulação”.

Sonia, conte mais sobre essa aproximação de Yone. Vocês eram muito amigas na escola?

SONIA: Eu estudava no Colégio Estadual Padre Manuel de Paiva, no bairro do Brooklin, em São Paulo, e lá, no meio de umas quarenta alunas, estudava Yone, um pequeno “gênio”. Pequena na estatura, mas quando falava, parecia ficar mais alta, tal a fluência e desenvoltura de seus discursos. Alguns anos mais tarde, transformou-se numa “autoridade” da mídia paulista, mas devido à sua personalidade afoita e turbulenta, nunca conseguiu fixar-se por muito tempo num emprego. Nessa época, eu tinha apenas 15 anos, e Yone, com apenas 14 anos, parecia possuir mais conhecimento que os professores. Era mais profunda do que eles em suas colocações, o que constantemente os deixava ora aturdidos, ora sem resposta às perguntas complexas que ela formulava. Não havia aluna que não a invejasse. Devido à sua personalidade, muitas, assim como eu, ansiavam por sua amizade, ainda que fosse apenas para “desfilar” com ela pelo pátio. Yone, porém, escolhia “a dedos” as suas amizades. Nessa época, eu era a pior aluna da turma, e me sobressaía somente nas bagunças, nas piadas e nos desenhos. Apenas nos desenhos eu recebia elogio dos

professores. Por isso, quando Yone os elogiou, fiquei completamente cativada por ela.

E você começou logo a freqüentar o Centro?

SONIA: No dia seguinte, após a minha primeira visita ao Centro, voltei e continuei a organizar a exposição. Por volta das quatro da tarde, apareceu Diana, uma mulher de, aproximadamente, 32 anos, estatura baixa, gordinha e bonita. Tinha um olhar severo e firme que me impressionou tanto a ponto de ter medo dela.

Foi assim que comecei a freqüentar o CEP – Centro de Estudos Pedagógicos (que atualmente chama-se Angra), onde estudava, pesquisava na biblioteca e tinha longas conversas com minha nova amiga Yone.

No início, eu ia ao CEP em dias alternados. Depois, passei a ir todos os dias. Meus pais estranharam minha nova “mania”, por isso quiseram conhecer o tal CEP. Um dia, Diana recebeu minha mãe e a levou para dentro da casa principal, numa salinha envidraçada, e disse-me que eu podia voltar aos estudos enquanto conversava com ela. Ficaram ali uns quarenta minutos. Depois, Diana veio me dizer que havia conversado com minha mãe e explicado a ela que ali era uma casa essencialmente de estudos. Após isso, Diana me mostrou como era aquela casa:

— Essa casa foi criada pela Associação Feminina de Estudos Sociais Universitários – Afesu e tem como finalidade aprimorar os estudos em nível secundário, além da promoção de cursos paralelos de interesse geral, tais como enfermagem, pintura, sociologia, filosofia, técnica de aprendizagem etc. Já na sede da Afesu, são promovidos cursos de aprimoramento em nível universitário.

— *É do Governo? – indaguei.*

— *Não, apenas autorizado pelo Governo, mas mantida com recursos próprios obtidos dos associados e dos cursos que são ministrados.*

— *Então, eu tenho que pagar?*

— *Só se você quiser participar de algum curso específico e curricular. Fora isso, poderá vir quando quiser e estudar à vontade. Pode até pedir ajuda de quem estiver disponível para atendimento em qualquer matéria.*

Diana era uma mulher impressionante, pelo menos para mim. Demonstrava uma segurança singular até nos mínimos gestos. Eu tinha o bom hábito de observar longamente as pessoas enquanto falavam. Ficava analisando a postura, os gestos das mãos, o movimento das pernas, a expressão da boca, e associava tudo com as palavras. Conseguia com isso ter uma impressão bem aproximada do caráter e da personalidade das pessoas; quase nunca me enganava. Diana era sincera, inteligente, segura e, principalmente, muito severa e disciplinada. Essas qualidades me impressionaram muito, porque eu, então com apenas catorze anos e dois meses, não tinha nenhuma daquelas qualidades...

A partir daí, Diana facilmente foi ganhando minha total confiança. Tornei-me sua confidente e ela, minha instrutora na vida. Nesse instante começou o “apostolado”.

Sua amizade com Yone ficou mais fortalecida?

SONIA: Yone também vinha ao CEP, mas com menor frequência do que eu. Dizia ter vários compromissos e, quando